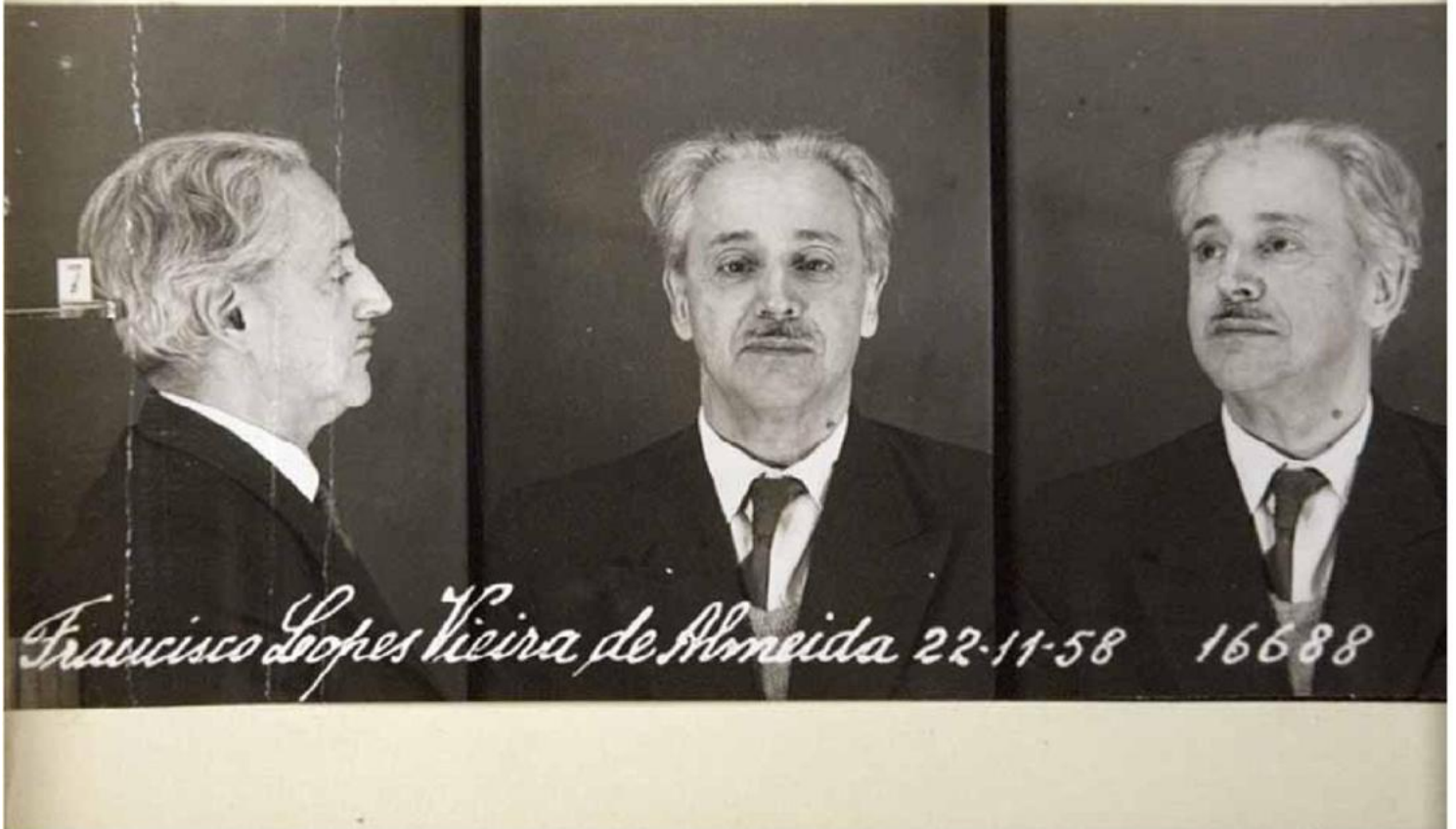




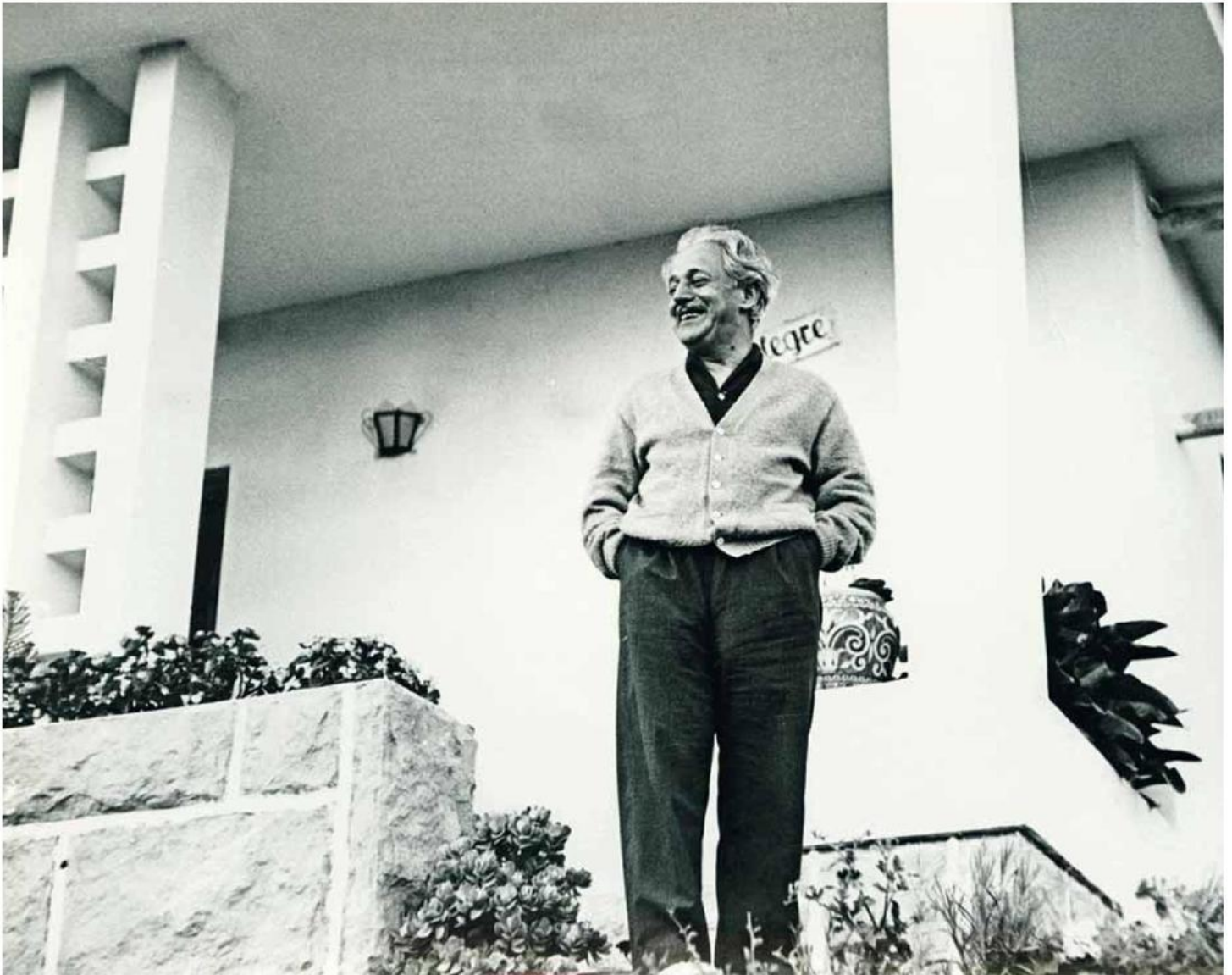
Francisco Vieira de Almeida

O grande esquecido da luta pela democracia P4 a 11



Francisco Vieira de Almeida

O grande esquecido da luta pela democracia



Filósofo, historiador, político, Francisco Vieira de Almeida evidenciou-se como o mandatário nacional de Humberto Delgado nas eleições presidenciais de 1958. E também como um professor que não se encaixava em fórmulas, um gozão a troçar dos filósofos que se levavam a sério. Um homem simples, “de enorme bondade”, “a detestar poses ou vaidades”, com largueza de espírito. Um catedrático com um sonho de infância: comprar casa própria. Em 1962 morreu, sem o cumprir, numa casa arrendada. Para muita gente, é um dos grandes esquecidos da luta pela democracia

Por Cristina Ferreira



Há uma rua em Lisboa, na zona de Telheiras, com o nome de Francisco Vieira de Almeida. Passados quase 60 anos da sua morte, aos 73 anos, os poucos que o identificam como filósofo, historiador e escritor consideram-no “um dos grandes intelectuais portugueses”, “uma fonte de criatividade”, “um ser humano extraordinário”. Uma figura de proa na luta pela democracia que em 1958 se evidenciou como mandatário nacional da campanha de Humberto Delgado nas históricas, apoteóticas, mas derrotadas, eleições presidenciais.

Recordar Francisco Vieira de Almeida é não esquecer alguns dos acontecimentos mais negros que marcaram o século passado. Na Alemanha, onde se encontrava em 1933, assistiu à queima dos livros pela Juventude Hitleriana e à expulsão da vida académica de professores e alunos. E foi em sua casa, em Colónia, que o linguista austríaco judeu Leo Spitzer se refugiou antes de fugir para Istambul. E, dali a três anos, na véspera de rebentar a II Grande Guerra, voltaram a encontrar-se em Lisboa.

Em Setembro de 2017, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, agraciou-o com o grau de Grande Oficial da Ordem de Instrução Pública, 30 anos depois de Mário Soares o ter condecorado com a Ordem da Liberdade. A Fundação Calouste Gulbenkian reuniu, na década de 1980, a sua obra filosófica, sobre Lógica, Estética, Epistemologia e História, editada por Joel Serrão e Rogério Fernandes.

O primeiro filho do seu segundo casamento com a pianista Maria Alice, Vasco Vieira de Almeida, de 86 anos, recorda-o como “um humanista”, monárquico, cujos “actos não eram ditados por razões ideológicas fechadas, alguém com enorme coragem cívica, política e pessoal, com uma cultura extraordinária”, sempre a procurar incentivar o sentido crítico, a inconformidade permanente.

Em declarações ao PÚBLICO, António Costa Pinto, historiador e investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e professor convidado do ISCTE, coloca “Vieira de Almeida no núcleo prestigiado de intelectuais que estiveram na linha da frente do combate ao Estado Novo, mas, ao mesmo tempo, críticos da oposição comunista e de algum republicanismo clientelar”. E sempre ao lado de António Sérgio, de Jaime Cortesão e de Mário Azevedo Gomes, com quem foi detido por duas vezes. Todos, na altura, septuagenários.

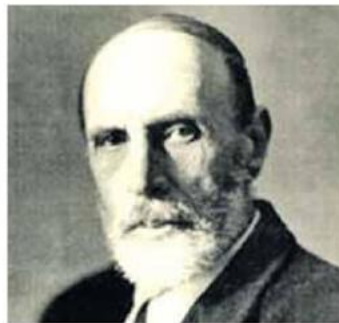
Os episódios que aqui se vão contar foram relatados pela jornalista Maria Antónia Palla, de 86 anos, ex-aluna, por António Valdemar, de 82 anos, jornalista que o entrevistou várias vezes, por Iva Delgado, licenciada em Filosofia, que o conheceu durante as eleições presidenciais de 1958, por Frederico Delgado Rosa, de 50 anos, autor da biografia do avô, *O General Sem Medo*, e pelo neto, o empresário Alexandre Vieira de Almeida, filho do arquitecto Pedro Vieira de Almeida (que morreu em 2011).

O PÚBLICO consultou também jornais e revistas da época disponíveis na hemeroteca e reproduz depoimentos do próprio filósofo, retirados da audição de uma entrevista dada, a 22 de Janeiro de 1957, a Igrejas Caeroi, jornalista do Rádio Clube Português (RCP).

Começando pelo princípio, e resumindo: Francisco Vieira de Almeida nasceu em Castelo Branco a 9 de Agosto de 1888, filho de um funcionário público a trabalhar no Ministério das Finanças. E nunca frequentou a escola pri-

mária, tendo tido como único professor o seu próprio pai, experiência que repetirá com os filhos Vasco (advogado) e Pedro (arquitecto).

Concluiu o liceu em Castelo Branco, viajou para Lisboa para frequentar o Curso Superior de Letras, depois Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), onde se licenciou em História. E em Lisboa permaneceu contra o desejo dos pais, como dirá ao RCP: “E talvez tenha feito mal em não ter ficado naquele canto que hoje [1957] já não é tão canto assim, porque infelizmente essas terras se desenvolveram de forma inesperada e precipitada e sem grande vantagem para quem lá está, a não ser nos melhoramentos materiais.” Concluiu: Castelo Branco é “ainda uma pequena cidade, mas, para aquela que eu conheci, é o triplo”



Os amigos

Ao lado de António Sérgio, de Jaime Cortesão e de Mário Azevedo Gomes, Francisco Vieira de Almeida integrou o núcleo prestigiado da oposição ao Estado Novo e crítico do republicanismo clientelar. Os quatro foram detidos duas vezes, todos septuagenários. E os quatro morreram na década de 60

Uma tese com 29 páginas

E foi assim que, aos 27 anos, Vieira de Almeida começou a preparar o doutoramento. Decorria o ano de 1915, e em regra as teses de doutoramento eram extensas e elaboradas, mas a que foi enviada para Coimbra estava condensada em 29 páginas, pelo que o arguente professor Joaquim de Carvalho acreditou que a leria durante o trajeto de comboio até Lisboa. À medida que ia folheando, percebeu que era extremamente complexa. O título dizia tudo: *A Impossibilidade da Negativa*. “Era típico”, defende o filho Vasco. “Em vez de fazer um grande cahamaço à alemã, o meu pai escreveu a tese em 29 páginas.” E quando o comboio parou em Lisboa, o arguente pediu o adiamento da dissertação.

Na vida pública, Vieira de Almeida começou a evidenciar-se como cidadão interventivo no início da década de 1920, figurando entre a geração de intelectuais formada após a implantação da República, como destaca António Costa Pinto: “Colaborou na revista *Homens Livres*, uma curta experiência [com apenas dois números] que uniu os intelectuais integralistas, um movimento monárquico de reacção às dimensões mais clientelares do sistema republicano, em que Vieira de Almeida se incluía, com os republicanos críticos da Primeira República”. Em simultâneo, Vieira de Almeida publicava textos na *Seara Nova*, revista fundada em 1921, por Raul Proença, e que juntava nomes como os de António Sérgio, Cortesão, Azevedo Gomes, Aquilino Ribeiro ou Câmara Reys.

Pelo meio, o académico casara-se com Isabel, de quem teve uma filha, Hedda. De saúde frágil, Isabel não sobreviveu. Depois da morte, Vieira de Almeida sentiu-se perdido. Então, um grande amigo convidou-o a ir de férias para França. E o horizonte tornou-se menos sombrio. Além da viagem, o professor apaixonou-se pela filha do amigo, Maria Alice, na altura, com 17 anos. De regresso a Lisboa, enviou uma carta ao pai de Maria Alice a participar que se pretendia casar. Foi um choque. E o diálogo, evidentemente, foi quebrado. O neto Alexandre Vieira de Almeida ouviu uma história de amor: “Feitos os 18 anos, a minha avó despediu-se dos pais, saiu de casa, com a mala na mão, e já vestida de noiva, vestido feito por ela, dirigiu-se à Igreja do Bonfim, no Porto, aonde chegou de táxi, para se casar.” Não esperava ninguém a assistir, mas a igreja estava cheia. Concluiu: “Terá sido um tanto escandaloso, pois o meu avô era uma personalidade conhecida e aguçou a curiosidade portuguesa.” “Já mais tarde o meu pai [Pedro] e o meu tio Vasco conheceram o avô [pai de Maria Alice] no Jardim do Príncipe Real, levados por uma empregada.”

Em defesa de um aluno

Depois de migrar do departamento de História para o de Filosofia, Vieira de Almeida concluiu com êxito as provas académicas para professor catedrático. Tinha 44 anos. Em 1932, viajou para a Alemanha, já acompanhado da sua segunda mulher e do seu segundo filho, Vasco, de um ano. E deu de caras com a realidade: a pouco e pouco, o nazismo consolidara-se, com a inércia e o apoio de largas franjas das elites alemãs.

E foi já instalado com a família em Colónia, onde frequentava a universidade, que testemunhou, em Maio e Junho de 1933, os acontecimentos que culminaram na queima de milhares de livros em fogueiras ateadas a céu





aberto pela Juventude Hitleriana. “O meu pai viu os clássicos alemães, Thomas Mann, Heine, Brecht, Freud, Marx, atirados para as chamas, uns porque os seus autores eram judeus, outros marxistas, mas não só, porque no meio apanhavam tudo, inclusivamente as figuras mais monumentais da cultura alemã. As cenas perturbaram-no profundamente”, evoca o filho Vasco.

Assistiu também à expulsão de muitos professores da Universidade de Colónia.

E, estando relacionado com o austríaco Leo Spitzer, considerado um dos linguistas mais influentes do século XX, Vieira de Almeida recebeu-o em sua casa. E foi ali que Spitzer ficou – “até o meu pai conseguir fazê-lo sair da Alemanha” – para se refugiar em Istambul nos três anos seguintes. No limiar da guerra, o austríaco apareceu em Lisboa, onde Vieira de Almeida lhe “pagou a passagem para os EUA”. Nesse ano de 1936, Spitzer era esperado na Universidade de Johns Hopkins, para ocupar a cadeira de Filologia Românica vaga desde a morte de David Blondheim.

Na década de 1940, o filósofo assumira, entretanto, responsabilidades docentes na Escola Superior de Letras (depois Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), a funcionar no antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus da Ordem Terceira de São Francisco, no Bairro Alto. E um dia foi informado que dois inspectores da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (que, em 1945, passaria a PIDE) tinham entrado no estabelecimento de ensino porque andavam atrás de um universitário.

Então, Vieira de Almeida deixou claro que não o poderiam deter dentro da faculdade. E durante dois dias, com a polícia à porta, a revezar-se dia e noite, “o meu pai ficou ao lado do aluno, por considerar que era a atitude decente.” A cena desenrola-se na recta final do conflito europeu.

A 6 de Junho de 1944, as tropas americanas desembarcam na Normandia e dão o pontapé de saída para a libertação dos territórios ocupados. A 20 de Novembro, o *Diário Popular* difunde a posição do Governo francês no exílio: “A Alemanha terá de ser fiscalizada durante anos, mas deve tentar-se o seu não-desmembramento artificial.”

Encontro com Ortega y Gasset

Nessa mesma edição de 20 de Novembro, o vespertino avançava com outras informações: “É hoje pelas 18h que o prof. Ortega y Gasset faz, na Faculdade de Letras, a sua anunciada conferência.” Era o primeiro de vários eventos agendados às quintas-feiras, tendo como figura central o filósofo madrileno, muito respeitado nos meios académicos e políticos, e que se auto-exilara em Lisboa. Ao ser apresentado a Vieira de Almeida, Ortega y Gasset quis saber: “*Es usted un profesor decano?*” O outro corrigiu-o: “Não, não sou de cano. Sou professor de ar livre.”

Dali a um mês, a 20 de Dezembro de 1944, no *Diário Popular*, a rubrica “Peço a Palavra”, é preenchida por um texto de Vieira de Almeida sobre as “lições” de Ortega y Gasset

“convocado – e contratado – pela FLUL”, que conseguira atrair uma multidão ao “auditório” da Sociedade de Geografia de Lisboa, onde “os estudantes” estavam “em minoria”.

O artigo fazia contraponto às teses apresentadas pelo filósofo espanhol, que o português considerava “um pouco actor, no sentido de valorizar pelo gesto, pela voz, pela atitude, o que de mais incisivo quer mostrar”.

E levantou-se a celeuma, como evoca António Valdemar: “O secretário do Ortega era o Gerardes Peres, que me confesso, muito mais tarde, que o viu, na altura, preocupado ao ler o que o prof. Vieira de Almeida escrevera, e sei que [Vitorino] Nemésio, seu amigo, ficou também surpreendido e assustado.” O filho Vasco reparou: “O meu pai tinha reparado pelo Gasset enquanto pensador, mas discordava dele em muitos aspectos.”

Com o aproximar do fim da II Grande Guerra, a primeira página da última edição do *Diário Popular* de 1944 traz uma curiosidade em nota de rodapé: “A morte de Churchill foi anunciada em Nova Iorque”, mas “o primeiro-ministro britânico declarou a notícia exagerada.” Finalmente: a 2 de Setembro de 1945, o Japão rendeu-se a bordo do couraçado norte-americano Missouri. E a guerra acabou.

Em Portugal, os anos seguintes ao conflito serão pontuados por detenções e perseguições no meio académico. “Embora tenha sobrevivido à purga dos professores universitários, Vieira de Almeida nunca deixou de ter uma posição crítica do salazarismo”, resalta o historiador António Costa Pinto.

Um docente atrevido é como o descreve o neto Alexandre: “Quando se colocou a hipótese do meu pai e do meu tio terem de aderir à Mocidade Portuguesa, o meu avô escreveu qualquer coisa assim: ‘Não posso comprar uniformes [da Mocidade Portuguesa] porque sou um pobre catedrático sem posses para o efeito.’”

E foi precisamente este “feito rebelde” que também constatou, no começo dos anos 1950, Maria Antónia Palla, estudante do curso de Histórico-Filosóficas e que tinha Vieira de Almeida como professor de Lógica e de Filosofia Medieval: “Era o mais prestigioso, o meu melhor professor, muito irreverente. Começava sempre com uma história, um episódio com ligação ao tema que estávamos a estudar. Não tinha intenção de debitar conhecimento, mas de nos obrigar a pensar.”

Dai a frase: “O professor Vieira de Almeida não dá matéria.” A jornalista concorda, mas só em parte: “Excepto na cadeira de Lógica, em que dava matéria, era verdade. Líamos as obras, os textos, e ele interpretava-os encontrando o absurdo de coisas que nos eram apresentadas como certas, ou pelas quais se tinha muito respeito. Os seus comentários muito irónicos sublinhavam o ridículo, e faziam rir os alunos.” “Ele não queria que dêssemos como certo os factos tal como descritos ou contados e era esta maneira de ser que o fazia ser da oposição democrática.” E a “irreverência do professor manifestava-se em relação a filósofos como Santo Agostinho, que, ao fim e ao cabo, não levava a sério.” →





Boatos levam a demissão

Na FLUL, todos sabiam que Vieira de Almeida estava nos antipodas do director. António Gonçalves Rodrigues tinha sido comissário nacional da Mocidade Portuguesa. Os dois acabaram por se desentender e compreende-se porquê. “O director era fascista, um perseguidor do professor Vieira de Almeida, a quem tinha um ódio de morte, pois todos o conheciam e apreciavam, para além de assumir acções contra o regime”, defende Maria Antónia Palla.

Sucedem que, nos anos 1950, a maioria dos alunos da Faculdade de Letras eram raparigas, católicas e conservadoras, e uma delas comentou as opiniões provocadoras do professor Vieira de Almeida. Numa manhã, a jornalista, na altura aluna, encontrou à porta da instituição um pequeno amontoado de gente a falar baixinho, e perguntou: “O que se passa?”. Elucidaram-na: “O professor Vieira de Almeida fez um desvio de fundos.” Percebeu logo que alguém contara o conto-do-vigário: “Não tive a menor dúvida de que se tratava de uma mentira para o descredibilizar e, sobretudo, uma manigância para o afastar da faculdade.”

Ao procurar a origem da maledicência, a futura jornalista deu-se conta do que ali se passara. Os detalhes eram desprezíveis: “Num período de transição em que tinha morrido o director da FLUL, e o outro continuava sem ser nomeado, Vieira de Almeida assumira o cargo.” E, chamado a decidir sobre a manutenção de um curso de férias, em risco de falhar por falta de verbas, não hesitou: “Transferira parcelas de uma alínea para outra, e era o que estava a servir de argumento para o acusarem.” Aparentemente, a intenção da direcção da escola era afastá-lo. Os boatos espalharam-se pelos corredores da faculdade e Vieira de Almeida apresentou a demissão.

Diante da confusão, Maria Antónia Palla armou um pé-de-vento: “Sabia que não gostavam dele, mas, fazerem-lhe isto, achei de mais. Ele não era apenas uma personalidade da oposição, era monárquico, e um dos professores mais prestigiados.” Ultrapassada a fronteira do aceitável, não lhe foi difícil juntar um grupo que incluía membros da Juventude Universitária Católica, alguns dos que habitualmente se encolhiam quando chamados a participar em eventos mais ousados. Mas desta vez não recuaram.

No terceiro andar do número 11, do Largo do Príncipe Real, os estudantes encontraram o filósofo no escritório, “desesperado”. Transmitem-lhe: “O senhor professor não se pode demitir, porque então a mentira torna-se verdade, e a dúvida nunca mais desaparece.” E Vieira de Almeida recuou na sua decisão.

Uma vez que a direcção não tinha apresentado uma queixa formal contra ele, não o expulsaram, mas tiraram-lhe todas as cadeiras, menos a que não podiam: a da Lógica Matemática e Moderna. E isto porque era o único em condições de ensinar. Talvez esteja aqui a explicação para o que Vieira de Almeida dirá, anos depois, ao RCP: “Nunca tive o menor disabor com um aluno, e alguns “ficaram meus amigos”, o que é “um prémio apreciável”.

No meio académico, havia quem o considerasse um pouco excêntrico. “Quando começava o ano, o professor Vieira de Almeida dizia-nos: “Já sei que vocês não vão perceber nada disto, porque não têm formação matemática”, recorda Maria Antónia Palla. E a maioria até nem tinha, daí frequentarem Letras. “E, reconhecendo esse facto, ele não se preocupava em ler os testes, mas também não nos chamava, dava dez valores a todos.”

Um dia, um universitário apareceu no seu

gabinete a protestar “porque achava que merecia, pelo menos, 14 valores”. Vieira de Almeida esclareceu: “14 valores, não lhe posso dar.” E o estudante contestou-o: “Então, vou ficar com um dez?” Ao que o docente contrapôs: “Espere lá, um 10, eu posso transformar em 18.” “O que nos conta este episódio é a apreciação que nós, alunos, fazíamos do professor Vieira de Almeida, que considerávamos um ser particular, *sui generis*”, concluiu a antiga aluna.

“Ouviram-se as moscas”

Quem pela primeira vez falou de Vieira de Almeida a António Valdemar foi o seu pai, o advogado açoriano José Tavares, que, no final dos anos 1920, se cruzara com o filósofo, em Lisboa, em casa de Virgília do Canto Brandão, casada em segundas núpcias com o conde de Caminha, e onde decorriam tertúlias animadas. Num desses encontros, gerou-se um grande burburinho à volta da peça de teatro do norueguês Ibsen, “Vieira de Almeida assistiu à discussão com grande serenidade e quando falou foi para fazer um comentário que calou todos. O que impressionou o meu pai foi a capacidade de dissecação [do texto] e o seu poder de síntese fantásticos”.

Passado tempo, já em 1955, na recta final do liceu, e “como o meu pai me falava muitas vezes de Vieira de Almeida, resolvi ir à Casa do Ribatejo, em Lisboa, assistir a uma conferência sobre Garrett, onde o professor era um dos oradores”. E foi o suficiente para Valdemar confirmar o que ouvira ao seu pai: “[Vieira de Almeida] abordou o significado literário simbólico e político das *Viagens na Minha Terra* e galvanizou a assistência. Ouviram-se as moscas.”

E a partir dali, Valdemar atravessava-se nas iniciativas que envolviam o filósofo. Uma dessas ocasiões ocorreu num sábado, em casa de António Sérgio, em Lisboa, na Travessa do Moinho de Vento, n.º 4, onde se promoviam debates com intelectuais, alargados a estudantes. E onde, às vezes, Vieira de Almeida se fazia acompanhar de Maria Alice e, se falava, os outros calavam-se.

De pequena estatura, “com pouco mais de metro e meio, olhos irradiantes, conjugados com um bigode fino, e cabeleira einsteiniana, foi dos poucos que me provocaram um deslumbramento imediato, uma excitação extraordinária, tal como ao meu pai”, verificou Valdemar. “Foi um dos homens mais admiráveis que conheci, só comparável a personalidades como o Nemésio, de quem ele era amigo, ou o Almada [Negreiros], grande figura da época, mas que Vieira de Almeida não levava a sério, por ser de direita e salazarento.”

“Sempre que entrava no Coliseu, para assistir à ópera, todos se levantavam para o cumprimentar. Era um desassossegado e só o Nemésio rivalizava com ele”, sublinha o jornalista. Mas, ao contrário do escritor açoriano, um grande comunicador que se dirigia semanalmente através da televisão a milhões de espectadores, Vieira de Almeida não tinha dimensão mediática, nem era identificado no espaço público.

No Tivoli a enganar a censura

Talvez as sessões no Cinema Tivoli, às terças-feiras à tarde, designadas por JUBA (de Jardim Universitário de Belas Artes), uma iniciativa do pintor Guilherme Filipe [Teixeira], fossem os eventos mais populares onde o filósofo era visto. A anteceder as exhibições dos filmes, um convidado fazia comentários sobre a obra se-



“**No final de 1957, o monárquico Vieira de Almeida surgiu como mandatário nacional do candidato presidencial Humberto Delegado. A quem o interpelava dizia: ‘É muito simples: o meu objectivo é derrubar Salazar’**”

leccionada. Havia semanas em que calhava a Vieira de Almeida, e “a sala enchia-se de gente para o ouvir porque, tal como nas aulas, ele tinha a preocupação de comunicar numa linguagem divertida e entendível”, elucida Maria Antónia Palla.

Também aí Vieira de Almeida dava voltas e reviravoltas para enganar os censores. “Os textos de apresentação do filme iam sempre à censura e o meu pai aparecia no palco com o papel na mão, fazendo questão de o mostrar a todos. Depois, metia-o no bolso, e dizia o que lhe apetecia”, conta o filho Vasco.

“Após a sua passagem breve pelo comunismo, o jovem [Mário] Soares apareceu ligado ao círculo de intelectuais mais importante de oposição a Salazar”, pontuado por Sérgio, Cortesão, Azevedo Gomes e Vieira de Almeida, regista Costa Pinto. Então, uma noite, Soares foi desafiar o filósofo monárquico a discursar numa conferência n’A Voz do Operário sobre democracia, que este começou por recusar, mas perante a insistência, acabou por aceitar. Na opinião de Valdemar, que esteve no evento, “até fez uma intervenção primorosa mas que não desencadeou palmas”. Assim que acabou de falar, ainda no palco, voltou-se para Mário Soares e, com um gesto de mãos, mostrou desalento: “Isto não dá!”

Ora, ligando os pontos, Soares compreendeu logo o que o professor lhe queria transmitir e ficou “perturbadíssimo, passando logo a palavra ao Acácio Gouveia [destacada figura republicana], que fez vibrar a assistência”. E ouviram-se os “Vivas à República”.

No passeio em frente à A Voz do Operário, na tentativa de explicar a falta de adesão do auditório ao seu discurso, Vieira de Almeida começou a contar a Soares e a Valdemar: “Um dia, estava eu a passar no Rossio e o António José de Almeida [sexto Presidente da República portuguesa, falecido em 1929] preparava-se



rodearam, com todo um historial de sensibilidade política e de empenho na oposição ao regime”.

O Café Chave d'Ouro, no Rossio, em Lisboa, era um local onde se juntavam os adversários ao Estado Novo. E na manhã de 10 de Maio de 1958, o salão de chá encheu-se para uma conferência de imprensa de apresentação da candidatura presidencial. De acordo com a reportagem do *Diário Popular*, eram 9h58 quando o candidato, “que tem o culto da pontualidade”, começou a pressionar a equipa para “apressar os trabalhos”, de modo a que a sessão principiasse à hora marcada.” O general fez-se ouvir: “Dez horas são dez horas!”

Embora a assistência fosse constituída por gente de todos os estratos sociais, como detalhava o vespertino, na mesa de honra, colocada em cima de um estrado, sentavam-se as principais figuras da Oposição. E coube ao mandatário nacional, posicionado ao lado de Delgado, iniciar a conferência. Às 10h, Vieira de Almeida dirigiu-se aos presentes para apresentar “o candidato independente. [...] Independente, por não procurar o apoio de partido ou algum o representar e antes aceitar o apoio de homens de boa vontade; independente porque se apresenta sem compromissos [...] armado apenas com o seu direito de cidadão eleitor” e porque “desassombradamente – e não sem risco, segundo o que se tem observado” – se apresentar com “um programa que já se espalhou pelo país”. Às 10h10, segundo o relato do *Diário Popular*, Vieira de Almeida deu por finda a intervenção.

O assessor de imprensa da campanha presidencial, Raul Rêgo, relatou anos mais tarde, ao jornalista João Paulo Guerra, que, na véspera da conferência de imprensa, Vieira de Almeida, Sérgio, Cortesão, Azevedo Gomes, Adão e Silva e Soares se reuniram: “Submeteram o general a uma sabatina, prevendo perguntas dos jornalistas e ajudando-o a encontrar respostas politicamente correctas.” E, atendendo questões sensíveis, aconselharam-no a dar explicações genéricas. Porém, passar-se-á o contrário. A uma pergunta do jornalista da Agence France Press, sobre o que fará com o primeiro-ministro caso seja eleito, Delgado clarificou: “Obviamente, demito-o.”

Nessa noite de 10 de Maio, o correspondente em Lisboa do *The New York Times* disparou: “Candidato promete demitir Salazar”. Divulgava que Humberto Delgado, que antes apoiara o regime, alegava agora que este se tornara “obsoleto”. “O candidato diz que, se for Presidente, manterá a ordem com um regime militar, que vigorará até à transição para a democracia ficar completa.” E que “durará o menor tempo possível”.

As declarações de Delgado serviram de combustível para unir as hostes à sua volta. A 17 de Maio, o jornal *República* classificava a recepção no Porto como “indescritível a formidável, calorosa e verdadeiramente apoteótica”, e mencionava a reacção do general às dúvidas de um jornalista: “Sim, vou com a minha candidatura até ao fim.”

Entre obscenidades e rumores

A caravana do candidato era seguida pela PIDE em viatura própria, guiada por *chofer*. E num dos trajectos entre Gouveia e Coimbra, a filha do general, Iva Delgado, partilhou o automóvel com Vieira de Almeida. “Apaixonei-me mais ou menos [por ele], quando percebi que era excepcional, tinha um carisma qualquer”, recorda. “Sempre que chegávamos a uma praça, a PIDE interrompia a passagem, estacionando



Os que o conheceram

António Valdemar entrevistou-o várias vezes, Iva Delgado privou com ele na campanha eleitoral de 1958, Maria Antónia Palla foi sua aluna na Faculdade de Letras de Lisboa. Em baixo, o filho mais velho do seu segundo casamento com Maria Alice, o advogado Vasco Vieira de Almeida, que promoveu um prémio bianual em seu nome na área das humanidades



o automóvel. Às vezes não estava ninguém e o professor dirigia-se às populações, batendo de porta em porta para anunciar a nossa presença. E, de repente, a praça ficava apinhada.”

Nesses momentos, Vieira de Almeida aconselhava: “Quando aparecermos à janela para saudar a multidão, não nos devemos mostrar fascinados, mas mostrar que aqui estamos a cumprir um dever de lutar pela democracia.” Para Iva Delgado, o filósofo não seguia um padrão estereotipado: “Era cómico, todo o tempo a gozar com os ‘pides’, e quando passávamos pelo carro delas, fazia caretas e gritava: ‘Esta senhora é filha do ‘General sem Medo!’ E os ‘pides’, que não percebiam bem o que ali se passava, respeitavam-no.”

Nessa viagem, o filósofo foi generoso, saiu do carro para “oferecer pão e queijo aos ‘pides’, porque não havia áreas de serviço e estávamos todos cheios de fome. Era um ser especial, todo o caminho a fazer-me rir e de quem fiquei amiga”, rematou Iva Delgado.

Em Lisboa, a 16 de Maio, a população aguardava pela comitiva de Delgado na estação de Santa Apolónia e, evidentemente, o apoio popular já incomodava o regime, que, segundo o *República*, estava a reagir com “obscenidades escritas” nos cartazes de campanha do general e rumores de que o candidato estaria a ponderar sair da corrida. Boatos. E sobretudo era um sinal de que se projectavam acções dissuasoras.

Quando, a 18 de Maio, no ginásio do Liceu Camões, em Lisboa, se deu início à sessão de esclarecimento da campanha de Delgado, poucos imaginavam o que se iria passar. Teófilo Carvalho dos Santos anunciou os oradores: o primeiro deles foi Rolão Preto, o último Vieira de Almeida. Os jornais da tarde começaram por noticiar que “a sessão decorreu na melhor ordem”, com um público “impecável”. Ora, à volta do pavilhão as forças policiais tinham montado um dispositivo de segurança e, ao tentarem conter os protestos, a PSP deu tiros para o ar e o cenário descontrolou-se. Após o choque inicial, surgiram novos relatos. Às 20h20 chegou ao Hospital de S. José o primeiro ferido, um empregado de farmácia de 28 anos. Uma hora mais tarde, segundo os jornais do dia seguinte, dera entrada na unidade hospitalar um segundo lesionado e a frequência manteve-se dali em diante.

Na manhã seguinte, “continuavam internados, sob prisão, 18 feridos”, e dois polícias foram socorridos “em consequência de pedradas”.

A 22 de Maio, na primeira página, o *República* escrevia que a comissão de honra do general repudiava “a confusão que se pretende estabelecer à volta da sua candidatura” e classificava de “gratuitas” palavras “da União Nacional a confundir a grande causa nacional e ordeira” que Delgado “encarna” e fazendo crer que se trata de “manejos do comunismo”. Em sua defesa, alegava que o passado do militar “falava por si”.

A última lição

A par das acções de campanha, uma coisa Vieira de Almeida sabia: tinha 70 anos, e, salvo imprevistos, teria de se afastar da vida académica. E a 26 de Maio, deu a sua última lição, reportada nos jornais da oposição.

A 8 de Junho de 1958, com a participação de menos de um milhão de portugueses, o regime conseguiu o pretendido: Américo Tomás foi eleito com 76,42% dos votos, Delgado afastado do Palácio de Belém com 23,58%. A direcção da campanha do general classificou a votação como farsa. →

para fazer um comício e fiquei a assistir. Quando começou a usar da palavra, disse: ‘Repúblicanos, eu tenho uma arma... (palmas). Eu tenho uma arma lá em casa... (palmas). Eu tenho lá em casa uma arma... (palmas)’. O António José de Almeida persistiu no ‘eu tenho uma arma’ e não saiu dali, porque a assistência vinha abaixo.” E voltando-se para Soares, deu por fechado o tema: “Isto é um problema de magnetismo!”

Mandatário nacional de Delgado

No final de 1957, António Sérgio estava empenhado em encontrar um candidato independente às eleições presidenciais agendadas para o ano seguinte. E perfilou-se Humberto Delgado que, por sua vez, foi convidar um intruso, o monárquico Vieira de Almeida, para mandatário nacional. Sempre que o interpelavam, o filósofo objectava: “É muito simples: concordei porque é preciso derrubar Salazar. Esse é o meu objectivo, independentemente de tudo o resto.” Em 1949, já apoiara publicamente a corrida de Norton de Matos à Presidência da República.

“O meu pai era profundamente democrático, a sua monarquia liberal não era ideológica, era lógica: achava que, havendo um homem que não estava dependente de forças partidárias, nem de clientelas, lhe dava maior garantia de democracia. E parava aí”, diz Vasco. António Costa Pinto sintetiza: “O que mobilizava Vieira de Almeida era a defesa da forma de regime, liberal-democrático, e não a sua fórmula, a monarquia.”

E Frederico Delgado Rosa, autor de vários livros, um deles *Humberto Delgado: Biografia do General sem Medo*, considera que Vieira de Almeida “foi determinante na campanha, uma figura simbólica da união da oposição em torno de Delgado. Foi um dos cavalheiros que o



Não tinham passado três dias e, em *Diário do Governo*, o Ministério das Comunicações fazia saber que o general da Força Aérea Humberto Delgado seria exonerado do lugar de director da Aeronáutica Civil.

“Com a candidatura de Delgado, o regime tem, pela primeira vez, a clara noção da sua impopularidade e altera o modo de eleição do Presidente da República, que passa a ser indirecta, para evitar o aparecimento de candidaturas como a de Delgado”, clarifica António Costa Pinto, para quem “o apoio popular foi tão significativo, com demonstrações apoteóticas, que originou um rescaldo repressivo”.

Percebeu-se o estado de delírio em São Bento, quando, a 16 de Junho de 1958, a PIDE foi deter os quatro septuagenários: António Sérgio (75 anos), Jaime Cortesão (74), Mário de Azevedo Gomes (73) e Vieira de Almeida (70). Todos fotografados para a ficha da polícia.

E quando dali a dias, a 31 de Junho de 1958, Vieira de Almeida entrou no restaurante Castanheira de Moura, em Lisboa, acompanhado de toda a família, o recinto ao ar livre, onde o jantar de homenagem se ia realizar, estava cheio. À cerimónia, organizada em cima da hora, não faltaram “pessoas das mais variadas camadas sociais e actividades profissionais”, lia-se, no dia seguinte, em manchete do jornal *República*. E na mesa de honra, presidida por Jaime Cortesão, sentaram-se, entre outros, Delgado, Azevedo Gomes, Acácio Gouveia, Ferreira de Castro.

A reportagem relatava a chegada de dezenas de telegramas “de todas as regiões do país”, entre os quais de António Sérgio, José Gomes Ferreira, Joaquim de Carvalho, Sá da Costa, Paço de Arcos, Robles Monteiro, Carvalhão Duarte (director do *República*), Virgínia de Moura, Ramon de La Féria, Prado Coelho ou Mário Dionísio. “Aos brindes, usou da palavra em primeiro lugar” Joel Serrão, com a “declamadora Maria Barroso” a ler “passagens de algumas obras” do homenageado.

Quem também compareceu foi o filho Vasco, com 26 anos: “Para mim, foi emocionante constatar o reconhecimento do papel do meu pai na luta antifascista e perceber que havia a possibilidade de um renascer do país pela vitalidade da oposição.”

A revista *Seara Nova* dedicará a capa da edição de Julho ao seu colaborador, Vieira de Almeida, ali retratado por Martinho da Fonseca. No interior, reproduz o discurso de homenagem que o catedrático do Instituto Superior Técnico António Ferreira de Macedo lhe dedicara no restaurante Castanheira de Moura. E onde se declarou “leitor permanente” de Vieira de Almeida, com quem privava há 46 anos, desde que ambos leccionaram no Liceu Pedro Nunes, e de quem ressaltava o “grande carácter moral”, o “altíssimo valor educativo”, a “bondade natural”, a “coragem”, a “tolerância” e uma “total ausência de ambições materiais”. Acrescentando que “aos seus talentos”, não encontrou “restia de hipocrisia, cinismo, vaidade, cobardia, ódios ou rancores.”

Um ano antes, interpelado pelo RCP se era capaz de conviver com pessoas de quem não gostava, o filósofo respondera: “Sim, muito capaz, tenho larga experiência disso [...] Mas se professam uma opinião e procedem ao contrário [...], quando assim é, arrelio-me um pouco.”

A terceira via

Para desespero dos críticos, Vieira de Almeida, Sérgio, Cortesão e Azevedo Gomes vão con-



Em Janeiro de 1960, Vieira de Almeida levou à Academia Sueca a proposta de Aquilino Ribeiro para o Nobel desse ano

servar o espírito livre. E, em Novembro de 1958, uma iniciativa de âmbito internacional chamou a atenção da censura. Os jornais anunciavam a vinda a Portugal, a convite dos quatro intelectuais, de duas estrelas da política socialista europeia: o britânico Aneurin Bevan, ex-secretário-geral do Partido Trabalhista e ex-ministro, e o francês Pierre Mendès-France, ex-primeiro-ministro. A conferência não foi autorizada.

Baptizados de subversivos por assinarem e distribuírem clandestinamente abaixo-assinados a contestar a decisão do Governo, a 22 de Novembro, os inspectores da PIDE dirigiram-se novamente a casa dos septuagenários.

Assim que Vieira de Almeida os viu entrar, participou-lhes que ia arranjar a mala. E um deles disse-lhe: “Despache-se, despache-se, que vai só prestar declarações, não precisa de levar nada consigo.” Como conhecia bem os interlocutores, contestou-o: “Eu bem sei o que é para vocês prestar declarações.” E foi fazer a mala.

Entretanto, a mulher, Maria Alice, telefonou ao filho mais velho, para o avisar. Se os inspectores pensavam já ter visto tudo, estavam enganados, porque, mal entrou, Vasco enfrentou-os. E o fim foi violento: a um deles deu um murro. Resultado: julgado no Tribunal da Polícia por agressão à autoridade, foi condenado a dois anos de prisão por desacato e enviado para Caxias, onde ficou na ala dos presos comuns encarregado de descascar batatas. Ao fim de 15 dias, saiu em liberdade com pena suspensa.

O encarceramento dos quatro septuagenários na mesma cadeia, mas no recinto reservado aos presos políticos, era para não ser do conhecimento público, mas foi descoberto. E, dado o absurdo, tornou-se o centro das preocupações dos meios culturais e académicos.

Estavam há quatro dias em Caxias, quando, a 26 de Novembro, o Governo, em nota oficial, confirmou que “em virtude das suas assinaturas figurarem em manifestos subversivos distribuídos clandestinamente”, Cortesão, Sérgio, Azevedo Gomes e Vieira de Almeida tinham sido detidos. E como nos documentos constava a assinatura de Delgado, “por esse, e por muitos outros actos do conhecimento geral, foi-lhe mandado instaurar processo no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica.”

O sussurro em torno da acção repressiva ganhou asas, o que se compreende, como diz António Costa Pinto, pois “os quatro integravam o grupo mais importante da oposição a Salazar, considerado uma terceira via a uma oposição republicana clássica ao Estado Novo e a uma oposição comunista”. O investigador defende que o convite ao britânico Bevan e ao francês Mendès-France “constituiu mesmo um sinal da aproximação de Vieira de Almeida, de Sérgio, de Cortesão e de Azevedo Gomes à social-democracia.”

A 28 de Novembro, no *República*, Rolão Preto escrevia sobre Bevan e os “estadistas ingleses”. Diante do burburinho, Salazar mandou abrir as portas de Caxias, com o vespertino a regressar ao tema: “Postos em liberdade”, os “nossos prezados amigos, notáveis homens de pensamento e dedicados democratas”, recolheram “a suas casas, depois de terem prestado fiança de cinco mil escudos cada”.

Apesar das visíveis repercussões, o Governo não recuou totalmente e fez saber que ia “prosseguir a instrução preparatória do processo [contra os intelectuais] a remeter oportuna-

mente para tribunal judicial” e, no que respeitava ao general Delgado, o dossier não se fechava.

As conversas na Livraria Sá da Costa, na Rua Garrett, no Chiado, ofereciam momentos memoráveis, como conta Valdemar. Um dia, Vieira de Almeida, António Sérgio e Filipe Mendes comentaram entre eles o debate de celebração do filósofo francês Michel Montaigne, que, em tempos, a Academia das Ciências promovera: “O professor Vieira de Almeida contou que o Júlio Dantas [presidente honorário da Academia das Ciências] justificara o evento pelo facto de Montaigne ter olhado castanhos, em resultado de ter uma mãe de origem portuguesa, judia sefardita.”

Tendo sido um dos oradores na conferência, Vieira de Almeida apressou-se a aclarar, sorrindo: “Eu cá não resvalaie nos territórios do Dantas.” “Bastava-lhe ver o brilho de contentamento nos nossos olhares a ouvi-lo para ficar satisfeito”, sublinha o jornalista.

Distancia-se de Fernando Pessoa

Com a publicação das suas obras completas, no final dos anos 1950, Fernando [Nogueira] Pessoa projectara-se como o grande poeta português, mas a quem “o professor Vieira de Almeida, que tinha sido seu colega no antigo Curso Superior de Letras, se referia como o ‘Nogueira Pessoa’, para dar logo a seguir um sorriso fantástico”, invoca Valdemar.

E um dia, “ao ler declarações do professor Vieira de Almeida, ao jornal *Acção*, dirigido pelo Múrias [próximo de Salazar], a fazer uma analogia entre os heterónimos de Pessoa e o pseudónimo Abreu Lima (com uma vertente satírica) do poeta António Feijó, de quem ele gostava muito, fui procurar perceber o que queria dizer”, expõe Valdemar. E o filósofo explicou-lhe: “O Nogueira Pessoa não tem nada de novo, antes dele apareceu um tipo em Coimbra que morreu doído em Moçambique, onde era juiz, o Francisco Levita, e que descobriu isso tudo.” Ao constatar a perplexidade do jornalista, contrapôs de imediato: “Então, você não conhece o soneto do Levita, composto por 13 linhas de reticências e na 14 escreveu ‘e foi assim que o nada gerou?’”

Valdemar concluiu: “Acho que o professor [Vieira de Almeida] entrou em conflito com o modernismo e não quis compreender o Pessoa, em que há uma multiplicação de personalidades.” Por seu turno, o filho Vasco não tem memória de o ouvir pronunciar-se sobre Fernando Pessoa naqueles termos. Mas outro familiar do filósofo reconheceu que “ele não gostava do Pessoa, achava-o um arrogante insuportável”.

Antes do final da década, o *Diário Ilustrado* difundiu o nome de Miguel Torga como possível candidato português ao Prémio Nobel da Literatura. O anúncio desencadeou movimentações de bastidores em meios paralelos.

Na redacção do *República*, o subdirector Alfredo Guisado esperou pelo jornalista António Valdemar, com quem se dispunha a ter uma conversa “discreta”. E ao final da tarde, os dois dirigiram-se à tipografia: “Quero que o *República* faça um inquérito acerca da atribuição do Nobel não só ao Torga, mas igualmente ao Aquilino Ribeiro [fundador da *Seara Nova*, com Câmara Reys, Cortesão, Raul Brandão, Raul Proença e Ferreira Macedo]. Como você conhece bem o Aquilino [que tinha sido explicador de Valdemar], vá consultar pessoas.”

Da lista a entrevistar constavam Vieira de Almeida, Gaspar Simões, Prado Coelho, Jaime



Cortesão, Jaime Brasil, Álvaro Salema, João Pedro de Andrade. E o jornalista dirigiu-se a casa do filósofo, no Príncipe Real.

"Prefere Torga ou Aquilino como candidato português ao Nobel?" À pergunta do jornalista, contrapôs: "Bom, entre o Dostoiévski e o Tolstói eu hesitaria... Pense, no entanto, que há aqui um equívoco. É a Academia das Ciências que se deve pronunciar para a Academia Sueca." E, assim, Vieira de Almeida devolveu a responsabilidade da escolha para Júlio Dantas, presidente honorário da Aca-

demia das Ciências, e que, num gesto de maldade, se posicionou ao lado da *República*, subscrevendo a candidatura de Aquilino, seu amigo. Mas fê-lo a título pessoal, pois o presidente efectivo da Academia não tomou posição, repara Valdemar.

No final da década, o escritor Aquilino Ribeiro sentia-se acorrentado. Estava ainda doente, diagnosticado com um cancro na próstata. A publicação da obra *Quando os Lobos Uivam* e o seu envolvimento na campanha presidencial de Delgado deram ao regime razões para lhe moverem um processo judicial. E, se não fosse Acácio Gouveia, com fortuna pessoal, a pagar a caução, teria ficado na prisão. Sabendo da sua situação delicada, Vieira de Almeida, Manuel Mendes, Lopes Graça e Alfredo Guisado moveram-se.

E, no principal vespertino da oposição, Alfredo Guisado convidou Valdemar para alçar: "Temos de arranjar um escândalo internacional e o professor Vieira de Almeida e o Lopes Graça vão redigir um texto, e traduzi-lo para francês, a propor o Nobel para o Aquilino. E o Jorge Reis vai divulgá-lo em Paris." E assim foi. "O Reis conseguiu as assinaturas de Simone de Beauvoir e de François Mauriac, o prémio Nobel (1952), e o documento foi divulgado nos grandes jornais franceses."

Outros se mexeram. A 15 de Janeiro de 1960, o *República* fez primeira página com uma carta aberta do poeta Sant'Iago Prezado, ex-embaixador de Portugal demitido por Salazar, a

defender a proposta de Aquilino Ribeiro para candidato ao Nobel: "A presença de escritores portugueses entre os candidatos ao Prémio Nobel da Literatura de 1960 é agora, sem dúvida, o caso mais discutido nos nossos meios literários, aos quais, aliás, já não se confina, pois tem vindo a despertar um vivo e crescente interesse na própria opinião pública".

Subscrita por "Vergílio Ferreira, Nemésio, Gomes Ferreira, Cardoso Pires, Mourão-Ferreira, Tavares Rodrigues, Maria Judite de Carvalho, Mário Soares, Abel Manta, Alves Redol, Luísa Dacosta, Luís Francisco Rebelo", o ex-embaixador revelava que a proposta seria "em breve apresentada directamente à Academia Sueca por Francisco Vieira de Almeida".

Quando o historiador Charles Boxer, professor da cadeira de Camões no King's College, especialista em história marítima holandesa e portuguesa, associado à grande espionagem britânica, tomou posição favorável a Aquilino, as luzes acenderam-se. Instalada a polémica, "Salazar ficou aterrorizado e comemorando-se em Novembro de 1960 os 500 anos da morte do Infante D. Henrique, amnistiou Aquilino e o processo que lhe fora movido foi arquivado", recordou Valdemar, rematando: "Eu fui o idiota útil!"

Na tarde de 22 de Janeiro de 1961, o país acordou com a informação de que o assalto ao paquete de Santa Maria por parte do capitão Henrique Galvão, que ali embarcara clandestinamente, fracassara. Semanas mais tarde, e depois de o MPLA ter atacado a cadeia de Luanda, a União das Populações de Angola, a 14 de Março, levou a cabo massacres em fazendas e vilas coloniais no Norte de Angola. E Salazar reagiu enviando quatro companhias de caçadores para protecção das forças militares ali estacionadas. Começara a guerra colonial em África.

Mário Soares bate à porta

Com o regime mergulhado em problemas, intensificaram-se as acções da oposição. E uma delas envolveu um movimento para a Democratização da República a originar detenções, a que Mário Soares estava ligado. Às vezes, o político, de 37 anos, aparecia, ao início da noite, em casa de Vieira de Almeida a pedir apoio. "O Soares apareceu, quase à hora de jantar, meio às escondidas, e disse ao meu pai que precisava muito que ele assinasse um papel contra o Salazar. E o meu pai respondeu-lhe: 'Ó Soares, se o papel diz abaixo [o regime], assino já.'"

De entre os interesses de Vieira de Almeida, é preciso não esquecer um: a música erudita, apesar de não tocar nenhum instrumento. E quando conjugada com literatura, tanto melhor. Do alemão traduziu para português *Os Amores do Poeta (Dichterliebe)*, de Heinrich Heine, as canções do repertório de Robert Schumann, para Maria Alice cantar. O que esta fazia, muitas vezes às quartas-feiras, com o maestro e compositor Fernando Lopes Graça sentado ao piano da sala de estar da família.

O filósofo sempre viveu do seu salário. "O meu pai teve uma vida economicamente difícil,

mas tentou vivê-la o melhor possível, apoiando a sua avó e os filhos com sensibilidade e inteligência, guardando para ele as dificuldades." Era o que o filho mais novo do filósofo, Pedro, contava ao seu próprio filho Alexandre, que também se recorda de ouvir dizer que o seu avó "se distraía a desenhar uma e outra vez uma casa própria, que nunca pôde ter, o que o marcou." E foi precisamente o que Vieira de Almeida confessará, em 1957, ao lamentar não ter podido cumprir o "sonho de infância" de "ter uma casa própria, pequena", apesar de "em certos países parecer ser uma coisa relativamente fácil."

Em Novembro de 1961, a família Vieira de Almeida mudou-se do Príncipe Real, novamente, para uma vivenda arrendada em Cascais. E foi aí que ficou a saber de uma iniciativa da oposição que não falhara a missão. De um avião da TAP desviado por Palma Inácio de Casablanca para Lisboa caíram sobre a capital e arredores mais de 100 mil panfletos a apelar à revolta contra Salazar.

O fim de uma geração de combatentes

O fim chegou a 20 de Janeiro de 1962, com os jornais da tarde a divulgarem a morte de Francisco Vieira de Almeida, na sequência de um acidente vascular cerebral. No dia seguinte, o *República* fez desloca António Valdemar ao Cemitério do Alto de São João, em Lisboa: "O Vasco chorava compulsivamente com o rosto encostado a uma parede."

O filho mais novo, o arquiteto Pedro, morreu em 2011. E o neto Alexandre não se esquece: "Sem nunca dizer o quão importante tinha sido para ele ou as saudades que sentia, percebia-se no tom, nos olhos, nas palavras que empregava, a enorme admiração que o meu pai tinha pelo meu avô. Quase que por vezes se sentia a tristeza e a frustração da sua ausência."

O afastamento de Salazar de São Bento, em 1968, desembocará na Primavera Marcelista. E, mais tarde, na queda do regime, o grande objectivo que comandou a vida dos quatro amigos, todos desaparecidos naquela década: Jaime Cortesão (76 anos) em Agosto de 1960; Vieira de Almeida (73 anos) em Janeiro de 1962; Mário Azevedo Gomes (79) em Dezembro de 1965; e, finalmente, António Sérgio (85 anos) em Janeiro de 1969.

Com o 25 de Abril de 1974, o advogado Vasco, à época banqueiro, tornou-se ministro das Finanças do primeiro Governo democrático: "Tudo aquilo que sou, que fui, o que fiz ou o que penso foi construído pelo meu pai, que, para mim, está presente diariamente. Às vezes, acordo e penso nele, com imagens absolutamente nítidas."

Embora não seja possível saber como seria hoje recordado se tivesse sobrevivido até à revolução, uma coisa é certa: pondo de parte a obra filosófica, talvez se possa dizer que Francisco Vieira de Almeida não procurou o sucesso, apenas quis ser um modelo de cidadão interventivo. Mas rebelde.

cferrreira@publico.pt

Um prémio para as humanidades

Para celebrar a memória do filósofo, a Fundação Vieira de Almeida (promovida pelo filho Vasco Vieira de Almeida) criou, em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, um prémio bianual de 20 mil euros, a atribuir, pela primeira vez, em 2020. Destina-se a financiar trabalhos de doutoramento e pós-graduações ligadas às humanidades e às filosofias (as candidaturas terão de ser entregues até final de Maio do próximo ano).